

MULHERES QUE CONTAM

RESENHA

Márcia Gabrielle Brito Mascarenhas
E-mail:
marciagbmascarenhas@gmail.com
Universidade Federal Do Sul Da
Bahia, Itabuna, Bahia, Brasil

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Reino Unido, 2009.
BONFIM, Verônica Rocha. **Fragmentos de um descompasso**. Itabuna: UFSB, 2018.
(Performance).

No texto “O perigo de uma história única” a autora narra em primeira pessoa, suas experiências cotidianas para mostrar ao leitor os perigos que se encontram em se conhecer apenas uma única história sobre alguma coisa.

Ela descreve as experiências introdutórias na sua carreira de contadora de histórias em sua terra natal: A Nigéria. Conta um pouco sobre seus primeiros contatos com a literatura infantil voltada para a cultura eurocêntrica. Descreve os personagens como sendo oposto de sua realidade; loiros, olhos azuis e viviam em uma geografia totalmente diferenciada da sua. Fora da sua realidade era também o que ela, nos seus primeiros passos, começou a escrever. Contaminada pelos modelos de mundo que habitavam a sua leitura, ela passou a escrever histórias com personagens e características centradas nas histórias que lia. Os livros que lia produziu naquela criança uma realidade tão forte, que ela não enxergou que aquele não era seu conceito real de mundo, aquelas não eram as pessoas e cores que havia em seu entorno.

Mais tarde, ao ter acesso aos romances africanos, ela passou a se identificar, a se pôr como protagonista, a se reconhecer. Esses autores africanos salvaram-na de ter uma história única sobre o universo infantil.

Durante o percurso do texto ela conta um pouco sobre a sua família: a mãe era administradora e o pai, professor. Viviam em uma casa, tida por ela como normal. Nesse ponto ela destaca a história de que, frequentemente havia empregadas domésticas em sua casa, que vinham de uma aldeia rural. A autora relata que quando ela fez oito anos de idade, a sua família arranhou um menino para a casa. Esse menino se chamava Fide e o que ela sabia sobre o menino era fruto do que a mãe lhe contou: que ele e sua família eram muito pobres. Sua mãe constantemente enviava alimentos e roupas para a família de Fide. E a autora relata que sentia muita pena da família do menino, pela forma como sua mãe a pintava. Acontece que quando ela, certa feita, foi visitar a família do menino, se assustou ao perceber um cesto feito por eles. Ela havia criado em sua mente uma história de incapacidade para aquela família. Não acreditava que uma família pobre poderia criar algo. Esse conceito surgiu por ouvir apenas que eles eram pobres. Ela criou para si uma história única de pobreza para aquele povo.

Aos 19 anos ela foi estudar nos Estados Unidos e se deparou com uma colega de quarto, que levada a crer que morar na África é estar rodeada de conflitos e catástrofes, sentiu piedade dela. Ela acrescenta que nessa única história criada, não

havia qualquer possibilidade de sua colega de quarto se equiparar como igual a ela. Não houve naquele primeiro momento nenhuma possibilidade de se estabelecer um sentimento além de piedade.

Dentre tantos outros contos biográficos que a autora expõe sobre essa temática, ela se coloca como também culpada por ter se deixado levar por uma história única e relata sua experiência, depois de já adulta, em se deixar atingir pela história criada nos debates que aconteciam nos EUA sobre a imigração, cunhando assim, um posicionamento negativo sobre os mexicanos. Porém, ao chegar ao México, ela se recorda de se sentir, primeiramente surpresa, ao ver aqueles mexicanos alegres; e envergonhada por ter sido induzida pela mídia a acreditar em uma única história sobre aquele povo. E aqui ela mostra uma espécie de fórmula para se cunhar uma história única: mostrar um povo como apenas uma coisa, e somente essa coisa repetidamente, e assim será o que esse povo irá se tornar. E, para ela, esse processo para instaurar uma história única está diretamente ligado ao conceito poder. A palavra “nkali” da tribo Igbo, definida como “ser maior do que o outro” é usada pela autora para definir o processo de construção e infiltração dessa história única. Segundo ela, como é contado, quem conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo isso depende do poder. O poder define a história e a faz ser definitiva.

Para ela, a história única rouba a dignidade das pessoas, da ênfase nas nossas diferenças, esquecendo assim, das nossas semelhanças. Uma única história, para Chimamanda, cria estereótipos e o grande problema desses estereótipos é que são incompletos. Fazem uma história se tornar única, não dá a chance para a história real ser contada, não dá chance de outros se apropriarem da história real.

Ela lança então a contra corrente, que consiste em oportunizar que outras histórias sejam contadas para que não se caia no engodo da história única: seus posicionamentos seriam diferentes se ela tivesse ouvido os debates sobre a imigração, vistos sobre os olhos dos EUA e do México. Seus posicionamentos seriam diferentes se sua mãe contasse a ela, aos oito anos, que a família do menino Fide era pobre e trabalhadora. A visão de África seria diferente se os canais de TV africanos transmitissem histórias africanas para o mundo inteiro.

Ela finaliza, contando um pouco do seu trabalho junto com seu editor: a criação de uma ONG com o objetivo futuro de construção e recuperação de bibliotecas e fornecimento de livros para as escolas que não os tem. Além de organizar *workshops* de leitura e escrita para quem quer contar histórias.

Partindo do ponto de vista das histórias não contadas, a obra-performance da artista Verônica Bonfim retrata uma visão pautada nos preconceitos que movem a sociedade. Uma série de situações que levam o público a refletir sobre os mais variados problemas enfrentados pelas minorias. A performance conta as vivências e andanças da atriz pelo mundo, considerando situações que ela ouviu, sentiu na pele e testemunhou. Conta a história de mulheres que sofreram e que sofrem com os preconceitos diários por serem o que são. A montagem é feita de recortes de vários momentos de reflexão da vida de pessoas que habitam um mesmo corpo cênico: o corpo da artista; que traz à tona questionamentos como LGBTfobia, racismo, machismo, misoginia.

O enredo se inicia com sorrisos e música, trocas com os espectadores, palmas e leveza. E todo esse ambiente de alegria dá lugar à dor do abandono. Uma jovem se descobre grávida e é expulsa pela mãe de casa. As expressões, tanto no rosto da

atriz, como nos espectadores se transformam. O riso vai se dissipando e conferindo lugar aos sentimentos de incompletude e de dor.

Esses sentimentos de dor e alegria, vão se alternar durante toda a performance. Mas o fator mais impactante na obra é a não acomodação das personagens frente ao desconforto proposto, provocando um ato reflexivo diante dos vários disparates que rondam as inúmeras vidas que circulam durante o ato performático.

No decorrer das cenas, a alternância entre música e intervenção, permite os momentos de reflexão para fora das cenas, levando o universo cênico para dentro do pensamento analítico do espectador.

Um dos momentos mais marcantes em cena se passa em um restaurante, onde o casal de mulheres é expulso de um estabelecimento. Um misto de dor, com pitadas de comédia assertivas brotam a reflexão acerca dos problemas enfrentados pelos LGBTs dentro de uma sociedade repleta de conceitos pré-concebidos e limitados.

Durante a execução das cenas o que fica muito evidente é a problemática de categorizar e padronizar o outro pelo que se ouve como história única; sem saber outras narrativas acerca daquelas pessoas. Os povos xque se movem no corpo múltiplo de Verônica Bonfim, experimentam na pele, nos olhos e na alma, cada tapa recebido, levando o expectador a se colocar tanto no lugar de quem dá o tapa, quanto de quem o recebe.

Fragmentos de um descompasso é uma obra que choca, que traz a tona descomedimentos de um povo acerca de questões que, nitidamente estão sendo erroneamente contadas, repassadas; sem quaisquer tentativas de se enxergar as múltiplas visões não contadas por trás dessa história única.

Duas obras intrigantes, e que trazem a reflexão e o questionamento acerca de tudo que foi aprendido e apreendido até hoje. Duas mulheres que contam histórias para o mundo e que incansavelmente alertam acerca dos perigos que se encontram em se ouvir uma única história, sobre apenas um determinado ponto de vista, lançando mão de outras milhares de histórias que podem trazer o verdadeiro lado sobre determinado tema.

Para Chimamanda as histórias importam, e ouvir muitas histórias importa. Muitas pessoas de poder têm usado as histórias mal-intencionadamente. E é preciso que as histórias sejam contadas para humanizar. Ela acredita que as histórias podem reparar a dignidade perdida de um povo. Uma única história jamais pode ser tomada como exclusiva verdade. Neste artigo, estão descritos os requisitos dos Cadernos de Gênero e Tecnologia, quanto a estilos e formatação do texto. Todo artigo deverá iniciar-se com um resumo de até 1.000 caracteres (com espaços), em fonte Calibri, corpo 10pt, normal, com alinhamento justificado e espaçamento simples entre linhas. O resumo deverá apresentar, de modo conciso e claro: o problema, o objetivo geral, a abordagem metodológica, os métodos, os principais resultados e a contribuição do artigo para o campo. As margens devem seguir o layout deste modelo.

Recebido: 23 jan. 2019.

Aprovado: 10 abr. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n39.9411

Como citar:

MASCARENHAS, Márcia Gabrielle Brito. Mulheres que contam. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v.12, n. 39, p. 340-343, jan./jun. 2019.

Correspondência:

Márcia Gabrielle Brito Mascarenhas, Rua São Gonçalo, 28, Salobrinho, Ilhéus, Bahia.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

